



DIOGENES EM DEMANDA D'UM HOMEM NA PRAÇA DE ATHENAS.

CONTA-SE que Diogenes (1), o cynico, passeára ao meio-dia pela praça mais publica e frequentada da

(1) Este philosopho, como lhe chamam, deu n'uma calçaria de pedinte, que nem os leigos franciscanos eram mais importunos, contam-se delle ou por conta delle muitos ditos engraçados; era uma especie de bobo dos gregos antigos.

VOL. V. SETEMBRO 4. — 1841.

cidade mais civilisada da Grecia com uma lanterna accessa; inquiriram-lhe a razão, e respondeu que andava procurando um homem. Este eppigramma é uma carapuça que cada um pôde pôr em si ou nos outros, conforme sua consciencia. Diogenes via muitos homens, mas nenhum encontrava que por enten-

dimento ou obras moraes fosse digno de tal nome.— Na fabula 16.<sup>a</sup> do livro 3.<sup>o</sup> das de Phedro vemos contada com a natural singeleza do escriptor, tão conhecido de quem aprende o latim, a mesma anedota, mas referida a Esopo.

*Æsope, medio sole, quid cum lumine?*  
Hominem, inquit, quero.....

«*Porque andas com luz ao meio-dia, Esopo? — Ando em busca de um homem.*» — Mas Esopo ia [segundo o conto] para casa fazer a comida a seus amos, e para isso tinha pedido luz aos visinhos; e aquella resposta deu-a a um importuno fallador, que se intromettia com o mister e meneio domestico de cada um. Por certo não é digno do nome de homem quem pesquisa as acções domesticas e indifferentes dos seus visinhos. E alem disso Esopo teve razão; porque era um ocioso que lhe tomava o tempo com perguntas indiscretas.

Foi este o assumpto do quadro, que reduzido damos na gravura adjuncta, pertencendo o original a um pintor celebre, do qual em breves palavras daremos noticia.—

Salvador Rosa foi um desses homens dotados de viva e fecunda imaginação, que a Italia em tempos diversos tem produzido, e que parece terem nascido para serem eximios naquellas artes a que, em razão da elegancia e influencia no *bom-gosto*, chamamos *bellas*. A variedade e preço das suas obras como artista, alem das composições poeticas e talento para a musica, o colloca a par dos mais distinctos; os successos da sua vida tem igualmente certa originalidade. Nasceu n'uma aldeia das vizinhanças de Napoles aos 20 de Junho de 1615: seu pai era um architecto de humildes talentos, e sua mãe pertencia a uma familia de pintores, igualmente mediocres e igualmente pobres: não quizeram os parentes que elle abraçasse uma profissão de que tão poucos lucros tiravam, e por isso o destinaram ao estado ecclesiastico. Porem a natureza frustra ás vezes as intenções dos pais, posto que boas sejam, dando aos meninos temperamento e quilates de espirito incompatíveis com a profissão que lhes assignalam: assim aconteceu com Salvador, que mais se comprazia em passear observando as magnificas scenas circumvisinhas a Napoles, e desenhando esboços imitativos de arvores e animaes, tendo por unicos instrumentos alguns pedaços de greda ou carvão, do que se entregava ao estudo dos livros religiosos a que pertendiam compelli-lo. Como era de natural aspero e resistente, não o podendo sujeitar em casa o mandaram para um seminario monastico, dos muitos que em Napoles havia. Na primeira parte dos estudos, isto é, na litteratura classica e amena, em que a força da imaginação se desenvolvia, fez o pupillo progressos, mas quando chegou o tempo de ouvir as lições de theologia e de outras austeras doutrinas, não houve razão nem castigo que o reduzisse a aprende-las, de fórma que os padres o expelliram do seminario, e teve de acolher-se ao abrigo da casa paterna. Não podia comtudo esta fornecer-lhe certa subsistencia, pelo que tendo já cultivado a poesia, em que foi mediocre, applicou-se com ardor á musica; inventou algumas pequenas composições faceis e melodiosas, que nesse tempo vieram a ser populares; começou a dar serenatas debaixo das janellas das senhoras napolitanas; fez-se musico ambulante, e gradualmente se lançou n'uma vida devassa, que apesar dos talentos que se lhe conheciam, agoirava maus resultados.— Uma circumstancia familiar o desviou da musica, e deu á lista dos pintores celebres mais um nome illustre: casara uma sua irmã

com Francanzani, cujo pincel era então estimado em Napoles: frequentou Salvador Rosa a casa e officina do cunhado, e começou a entreter-se em tirar algumas copias, recebendo instrucções do mestre: em breve se habilitou para copiar do natural: todos os dias ia tomar alguma das vistas magnificas, em que tanto abunda o formoso territorio napolitano: deste exercicio, e da natural propensão, sem duvida que procedeu o sobresahir tanto este pintor nas paizagens, apesar de ter exercitado com subido credito o seu pincel nos variados generos da arte.

Era pratica naquelle tempo que os estudantes de pintura fizessem um giro pelas cidades principaes da Italia para visitar as officinas dos mestres afamados, observar os differentes estylos, escolher um mestre para particular modelo, e no regresso á patria proseguir no estudo do estylo adoptado. Deriva deste costume o dizer-se que os artistas pertencem a tal ou tal *eschola*. Porem tanto era o amor de Salvador Rosa pela liberdade de acção e de pensamento que se desgostava de toda e qualquer idéa d'*eschola* de pintura como aborrecêra a de theologia: *systema*, *methodo*, *sujeição* eram termos que lhe não quadravavam: paixão vehemente, vigor de imaginação fertil eram os impulsos unicos a que cedia. Em vez de visitar as *escholas* italianas, contando somente dezoito annos, viajou a pé pela maior parte do reino de Napoles, incluindo a montanhosa Calabria e os intrataveis Abruzos (2); e supõem-se que as mais excellentes das suas pinturas de vistas de marinhas, promontorios, rochas encastelladas, ruinas antigas, e costas bravas, foram resultados das impressões daquella viagem. Na mesma excursão cahiu em poder de bandoleiros e com elles viveu nas ingremes serranias por algum tempo ou voluntariamente ou compellido: por esta razão os seus quadros de salteadores não tiveram rival. Note-se mais que os outros *paizagistas* representavam de ordinario as scenas graciosas e suaves dos campos; mas que o gosto do Salvador Rosa era pintar os quadros da natureza bravia, mais sublimes e carregados que melancholicos e brandos.— No seu regresso achou toda a sua familia em penuria, teve que lutar com a miseria, e como era moço e sem patrono e tinha poderosos émulos, não pôde logo fazer o seu nome e engenho conhecidos; pintava assiduamente, noite e dia, e mal conseguia alimentar-se e ás pessoas, que do seu trabalho dependiam.— Um acaso veio neste apuro lançar raios de esperança na alma dssalentada do mancebo. Lanfranco, pintor de muita nomeada, passou fortuitamente pela rua, em que era sita a loja onde se vendiam os desapreciados, mas formosos desenhos de Salvador; reparou n'um que estava á venda, pediu-o, comprou-o, notou a originalidade do genio que o traçara, viu que a rubrica do auctor era este simples nome «*Salvatoriello*» e mandou que os seus discipulos disfarçadamente fossem comprando quantos desenhos apparecessem da mesma mão: deu isto mais voga e preço aos trabalhos de Rosa, apesar da mesquinhez dos vendedores que insistiam em pagar-lh'os como rabiscos de borrador de papel, que se vendem nas feiras e pelas encruzilhadas: mas se por uma parte este favor lhe produziu mais alguns tenues recontros, por outra lhe suscitou malevolos inimigos, que o satyrisaram com epigramas, com desastradas recordações da vida passada. Não obstante esta perseguição obteve a amizade de Aniello Falcone, eminente pintor de batalhas, o primeiro e o mais distincto dos discipulos do celebre Espanholetto, que o levou á presença deste mestre, cuja protecção lhe facilitou; daqui lhe veio o

(2) Vid. a pag. 206 do 1.<sup>o</sup> vol.

conhecimento que travou com o cardeal Brancaccio; e a sua reputação estabeleceu-se com este patrocínio: viu Roma e lá foi applaudido; data dessa epocha feliz a sua gloria: estimaram-no como pintor, como poeta e como musico, posto que nestas duas ultimas prendas não tivesse elle muito jus á immortalidade do nome: todavia compunha dramas, e a musica para os mesmos, e em theatros particulares representava nelles a principal personagem: que mais era preciso para um homem, já então da corte, receber palmas? — Como cotejaria Salvador Rosa essa epocha com os dias mesquinhos em que morto de fome trabalhava sem descanso, e ás vezes destituído dos materiaes precisos, para alimentar sua mãe e irmãos?... — Não o seguiremos agora na sua carreira esplendida, nem indagaremos as posteriores vicissitudes de sua vida politica, porque tambem nas alterações governativas da sua patria teve alguma parte; só diremos que a perseverança tudo consegue quando é acompanhada de genio, embora a contrastem os accidentes da fortuna. Morreu em 1673, a 15 de Março, com perto de 68 annos de idade. Os opulentos lords d'Inglaterra possuem muitas das suas pinturas: o painel de Moyés achado no Nilo pela filha de Pharaó foi comprado por dez contos de réis.

## O INFANTE SANTO.

[1437.]

## IV.

«QUE o almoaden da mesquita grande chame o povo á oração. — Que os alfaquices dêem graças ao grande Allah pela tamanha mercê que elle quiz conceder aos fieis crentes. — Que todos os do propheta vistam suas aljubas e çorames (1) de festa. — Que os meus batalhadores de Ceuta se apercebam em som de guerra com seus landeis (2) e garnimentos (3) lustrosos, que é hoje um dia grande para esta nossa terra d'Africa. — Já poderemos agora dormir descansados em nossas casas sem temer d'algarada (4) nocturna ou sentirmos a cada passo as atareças (5) maldictas dos baptisados pregadas na garganta. — Folgai-vos, folgai-vos fieis do propheta, que a benção de Allah tornou a cahir sobre os filhos do crescente que repousam á sombra do Al coran. — Folgai-vos, folgai-vos. — Prepare-se tudo para o triumpho e para a vingança. — Soem riço e claro os anafiz mussulmanos, que tem de fazer ouvir os sons da victoria, os hymnos antigos e desusados de Cordova e Granada; soem nesses plainos esperanças e formosos para nós, e retinam com echos de desespero nos ouvidos e corações dos descrentes. — Temos em nosso poder o filho do leão de Portugal, que não contente de ter cortado as garras ao de Castella, veio decepa-las aos d'Africa. — Somos senhores seus e elle escravo nosso. — Ceuta, Tetuão e quanto os portuguezes nos rasgaram do nosso formoso manto mauritano vai tornar-nos ás mãos. — Sobre as ruinas da cruz hastearmos por toda a costa o pendão das meias luas; nem mais ao dorso africano subirão os que invocam o nome do Christo. — Allah é grande. — Só Deus é Deus e Mafoma o seu propheta. — Portuguezes, portuguezes, cahiu-vos agora neste solo queimado a perla mais rica da vossa coroa orgu-

lhosa. — Allah é grande. — Folgai-vos, folgai-vos, fieis de Allah!»

Assim clamava a quantos o rodeavam o alcaide Çalá-Ben-Çalá, percorrendo irregularmente, e em passos desmedidos, a larga sala d'armas do alcaçar. — Sobejava-lhe o alvorço trsbordando-lhe nos olhos e no rosto: o entusiasmo da sua alegria assimilava-se um tanto ao phrenesi da loucura.

Taes tinham sido os seus receios!

E o povo apinha-se nas praças trajando as suas mais custosas louçainhas. — Ao sol palido do outono brilhavam, como tapete de flores por entre as relvas de Maio, as variegadas cores dos albernozes (6) e alquicés. Nos espaçosos largos vomitavam as ruas estreitas continuamente a multidão que fervia. — Alguma vez rasgava-se uma tira daquelle tapete movediço, e os esguios portaes das mesquitas escancaradas e patentes a enguliam no amplo seio; alguma tambem as turbas apinhadas, trsbordando já das praças, tomavam a fórma de longas serpentes, escoando-se pelas ruas tortuosas e apertadas que levavam aos baluartes. Viam-se então as negras ameias coroadas de vistosos matizes, e d'entre aquelles ramalhetes humanos fulguravam olhos vivazes e animados que se cravavam avidamente no campo christão com vistas ao mesmo passo insolentes e temerosas.

Era enfim um dia de festa para a soberba Tangere, que, fatigada de cingir a sua armadura de guerra, revestia as gallas mais custosas.

Tamanho era o respeito e o medo que as armas portuguezas lhes tinham feito — e esses nem assim os perdiam os infieis emquanto a bandeira da cruz ondeasse em terras da Mauritania.

Tangere buscava sacudir o terror da sua frente, e sorria e vangloriava-se por a primeira victoria — se tal se lhe podéra chamar — sobre portuguezes.

Mas que outro era o aspecto dos reaes dos infantes!

Raiára o dia 16 de Outubro. — Descorado e triste surgira o sol em céu humido e pardacento, e como que deixava cahir a custo os raios quebrados nas planicies rasas e aridas, amarellecendo e entristecendo mais pesadamente aquella natureza defecada e moribunda. Já não verdejavam nem ondeavam relvas. Já os arcaes não fulguravam reflectindo mil astros em cheio. Iam languidas e dormentes as horas perguçosas da má ventura. Turbados, e da cor do céu pintado nelles, sussurravam somnolentemente os regatos a escorregarem desleixados por entre as hervas da margem pendidas e chorosas, e o surdo rumorejar inquieto com que a espaços o vento do sul remechia as folhas tisnadas que á superficie boiavam, incutia n'alma tal e tamanha tristeza, que diante do espirito allucinado pareciam erguer-se as larvas e visões de maus sonhos. — Ao longe as torrentes das montanhas, acordadas pelas primeiras chuvas, e confrangidas nas quebradas das fragas, bramindo nas fundas entranhas, assomavam aos pincares dos alcantís, e dahi descia ás vezes um rolo alvissimo cubrindo de espuma transparente o desigual costado das rochas cadavericas.

E no meio daquelle amarga e pesada melancholia dos campos sombrios ondulavam os restos heroicos dos pelejadores christãos. — Portuguezes que choravam seu principe. — Portuguezes, que davam costas ao inimigo d'Africa. — Portuguezes, que voltavam envergonhados á patria, deixando alli seus irmãos de combates e victorias expostos ás iras más do infiel; abandonando os ossos dos martyres de tantas

(1) Especie de capote branco.

(2) Saia de malha cuberta de laminas de ferro.

(3) Guarnições.

(4) Expedição.

(5) Ferro das lanças.

(6) Especie de saia.

batalhas; e arrastando apoz si as quinas vencedoras enxovalhadas e vencidas!

Era cruel!

O paiz tristonho que diante de seus olhos se desenrolava até ir confundir-se com as extremas do horizonte, é aquelle mesmo, outr'ora tão brilhante ainda que ardente, que, cerrando-se ao longe e inclinando-se como para beijar as areias do deserto, os fechava em immensa abobada cinzenta, tinham-nos elles visto um inundado de luz na plenitude da sua grandeza e magestade, outro variado em verduras, gentil, loução, pomposo e ataviado.

As almas dos valentes estavam cubertas de lucto.

Não era ainda a natureza morredora, nem os campos desertos, nem as torrentes distantes que assim lhes faziam negros corações e pensamentos. — Mais lhes sabia do espirito que dos olhos aquella sua pesada tristeza.

Na terra dos louros de seus pais! — Nos gloriosos areaes, aonde a espada de D. João 1.<sup>o</sup> gravára a palavra magica do seu condão, já por elle gravada em Aljubarrota, e que alli tão bem e tão fundo o fizera, que não valeram os pés arteiros de milhões de barbaros a sumi-la ou apaga-la um apice, os herdeiros dos heroes iam deixar prisioneira e abandonada uma das mais formosas flores do tronco real! — Os plainos sagrados por tanto e tão sagrado sangue de irmãos assim tão despiedadamente restituídos ás mãos descritas do infiel. — Que será dos restos dos tão leaes, espalhados no chão do ermo? — Virá o abutre das serras profanar-lhes os cadaveres mal gastos, chegará o mouro e dar-lhe-ha indifferente com a planta impia, fazendo o rolar na terra da escravidão, injuriando a memoria do que morrerá morte de honrados, com motejos blasphemos. — E nas margens dos seculos baterão dias apoz dias como ondas ferventes do oceano, sem que nunca mão de amigo ou de irmão venha desfolhar uma saudade no amplo cemiterio. — O altivo pendão dos vencedores de Ourique cedeu pela vez primeira.

E pelos rostos queimados dos soldados d'Africa rolavam algumas lagrimas solitarias. — Todos amavam o infante: — todos o choravam e o lastimavam.

«Tão boa alma como aquella não creio eu que tão breve no-la mande Deus á nossa terra.»

Dizia um dalli.

«É um santo.»

Acudia outro. — E das bocas rudes dos guerreiros manava puro o elogio do nobre martyr, começado por uns e acabado por outros, com vozes d'alma e lagrimas sinceras.

Tristes e como sombras vagavam elles nos reaes, silenciosos e a meditar profundo. Poucos se atreviam a quebrar a geral mudez, e os raros que o faziam tão baixo e surdamente fallavam, que antes pareciam tratar de funebre sahimento do que de salvagão e regresso, que uma e outra cousa lhes dera o infante. É porque nenhum presava exclusivamente o seu viver!

Eras felizes de dedicação e devoção, que exististes é de fé, mas fugistes para não voltar.

Cabisbaixos e taciturnos passeavam alguns dos cavalleiros por diante de suas tendas em curtas e rapidas voltas. — Outros cerrados lá dentro imaginavam comsigo e fallavam com Deus. — Outros emfim pendida sobre o peito a fronte pallida, e recostados na sua espada fiel, pareciam esperar resignados.

O infante ia deixar o campo acompanhado de Ayres da Cunha, João Gomes de Avellar, Pedro de Atayde, e Gomes da Silva, depois commendador de Noudar, todos os quatro fidalgos cavalleiros entregues por parte dos christãos, em troca do filho do al-

caide, bem como o infante o era em penhor e restituição de Ceuta. — Tal tinha sido a conclusão das negociações.

O silencio que reinava era como a paz carregada e tremenda que precede a tempestade; tempestade, dor e agonia estava proxima a rebentar no acampamento. Por parte do infante viera João Fernandes d'Arca, cavalleiro de sua casa, pedir aos guerreiros puizassem vir vê-lo em sua passagem, porque de todos se despedisse e a todos agradecesse.

Ninguem respondeu. — A passos lentos e pesados foram-se todos acercando da tenda do infante e entrando em suas fileiras.

E houveram momentos de turpor externo e de ancia intima.

Por fim as cortinas affastaram-se e o illustre chefe assomou á sahida. Vinha pallido mas sereno de animo, e no rosto mui ameno. Espalhou docemente os olhos pelos guerreiros callados e ergueu-os depois para o céu com tamanha resignação, que de muitos corações que alli havia duros e pedrentos brotaram fontes de pranto, abundantes e copiosas. — Aquelles rochedos das batalhas manavam talvez os primeiros orvalhos magoados da vida.

Era doloroso e grande!

Cerraram-se as fileiras dos lidadores, e não havia couraça tão dura que por ella não escorregassem dois fios de lagrimas. — Uns escondiam nas mãos as faces orgulhosas — outros, mais ferozes, voltavam o rosto, procurando recalcar no coração os chôros que já lá lhe não cabiam.

O infante caminhava ao lado de seu irmão com passos vagarosos, mas seguros. — Ressumbrava-lhe das vistas a firmeza d'uma forte e acabada resolução, e lhe robustecia a alma. Nem se lhe notava turbação nem constrangimento. Só não parecia já o valente capitão em quem lampejava a chamma do valor. Não era o guerreiro audaz e porventura temerario: era o martyr resignado; o christão pacifico; o cordeiro do sacrificio. Seus olhos ao passar bateram nas faces daquelles antigos soldados, encanecidos nas armas e calejados na guerra, que choravam e tremiam, seus socios, seus amigos e seus defensores, e força foi á religião da resignação o ceder o logar á religião do sentimento. — Quiz fallar, mas ficaram-lhe presas as palavras nos labios já descerrados. Não pôde. Abalado, commovido no intimo e silencioso ia elle passando por entre as fileiras dos seus generosos soldados, tão sentidos e cheios de dor como elle proprio, ou mais que elle ainda, por entre os heroes, e os filhos dos heroes de seu pai, os fortes d'Aljubarrota e Penafiel, os bons cavalleiros do rei cavalleiro; ia sem que o coração lhe desse largas á boca; ia passar daquelle chão ainda livre para a terra do captiveiro e das affrontas, sem que ao menos a sua mão real apertasse as mãos fieis dos baluartes da fé. — Não devia ser assim!

Choravam quantos o viam, choravam os nobres que o seguiam para o captiveiro, por elle que não por seus ferros, choravam seus criados fieis que se iam a seguir sua fortuna, em que tivesse pesado aos esforços generosos do infante para de tal os affastar; — chorava seu velho amo (7), Rodrigo Esteves, ancião venerando que quasi se rojava apoz elle, lace-rando seu peito, e ensopando as longas barbas brancas com as lagrimas de seus olhos encovados.

Só D. Henrique não podia chorar.

E viu-se então sabir das bastas fileiras um guerreiro altivo, chegar-se ao infante e dobrar diante delle ambos os joelhos na terra.

Era D. Alvaro Vaz d'Almada.

(7) Ayo.

«Que fazeis, Sr. cavalleiro? disse a custo o infante buscando dominar o abalho da voz.

«Venho, senhor, tornou o nobre D. Alvaro, á hora extrema da vossa despedida pedir-vos uma graça. — Não m'a negueis. — Não sou eu que a peço. — São quantos presentes vêdes. — São os cavalleiros de vosso pai; os soldados de Ceuta; são tres mil valentes que pedem chorando, que rogam d'alma, que imploram de joelhos, com as mãos erguidas — e aqui me tendes senhor — a mercê que é pensamento de todos. . . .»

«Dizei, dizei, Sr. D. Alvaro, acudiu o infante — e quanto agora poder ainda caber na minha mão e na minha honra tende-o por feito.»

«Pois bem, senhor — tornou D. Alvaro, resolutamente erguendo-se em toda a magestade da sua nobre estatura, agora mais fera e avivada com a idéa grande que lhe lavrava lá dentro — pois bem, enviai a dizer a esses vis que dais por nullo o ajuste, que tendes ainda ao vosso lado uma espada portugueza. . . .»

Aquí o infante olhou tristemente para o lado inerme e sorriu d'um modo inexplicavel. — D. Alvaro parou um momento e continuou:

«Que vos rodeam cavalleiros portuguezes, que agouta os ares da Mauritania as ondas da bandeira de Portugal. E enviai a dizer-lh'o e saiamos, saiamos, senhor. Vereis o que sabem fazer os vossos servidores fieis quando se trata de arrancar ás presas dessas feras mouriscas uma cabeça real. — Olá! não vos vanglorieis ainda, multidões barbaras, é cedo — não é vosso! —

Longo e estrondoso applauso seguiu o heroico falar do valente D. Alvaro. — Tres mil guantes retiniram buscando o punho das espadas ou tenteando o ferro das lanças. — Foi um formoso movimento unanime e espontaneo — e aquelle dito por acção respondeu melhor ao dito d'alma do valoroso, que todos os amarellos apoiados ao mais eloquente discursador em lides de cortes.

A um gesto do infante a tormenta d'enthusiasmo cahiu em calma podre. — Ia responder.

«Que me pedis vós, honrado cavalleiro, que me pedis? — Quereis que fiquem dizendo em Africa que um infante de Portugal recuou diante do captivo, que teve medo e quiz antes sacrificar a perigo certo seus já raros e fieis defensores, e comprou uma vida pobre a prego de vidas formosas e ainda ricas de esperanças? — Pedi-me, senhores, a espada de meu pai, darvo-la-hei. Pedi-me as reliquias que me legára minha mãe, darvo-las-hei. Pedi-me o meu brasão real, darvo-lo-hei ainda. — Deixar de cumprir o de que eu mesmo dei segurança, faltar á minha palavra e á minha fé, não senhores, isso não vo-lo farei eu. Prometti que vos concederia quanto coubesse na minha mão e na minha honra — o que me pedis, senhores, se cabe na primeira não cabe na segunda. Não, cavalleiros, nem me fareis mudar de proposito; nem queirais por comesinhos interesses immolar a antiga boa fé de Portugal nestas arêas d'Africa. Senhor D. Alvaro, ordeno-vos que não falleis mais em tal.»

Se já alguma vez imaginastes nas vossas horas de quietação e repouso o quanto pôde elevar-se um espirito nobre e sobranceiro ao mundo, uma alma despegada da terra, que em seus vãos arrojados tem momentos em que parece devassar a habitação do Senhor, tão alta, tão sublime, tão acima e superior se mostra aos que absortos a contemplam; se já vos empregastes na consideração dos milagres de um coração grande que arde pela patria, tereis uma idéa do gesto inretratavel do infante e do effeito de suas palayras.

Aquella seara de cabeças guerreiras curvou-se então diante delle com tamanha e tão igual identidade de pensamentos, que similhou o uniforme acamar das espigas quando vento forte lhes sopra em cima.

Correu longo intervallo, e o que em cada alma se passou só Deus o soube, só elle o podéra dizer.

D. Alvaro d'Almada estava de novo aos pés do infante, beijava-lhe a mão como se osculasse um santo, e erguendo para elle os olhos vendados e arrasados d'agua, fallára desta arte:

«Uma derradeira mercê, senhor, uma . . . a ultima — e essa, essa não m'a negareis vós, que fôra cruel. Nas horas longas que vos correrem longe da patria carecereis d'algum que vos falle dos vossos, e vos recorde os formosos dias de Portugal e as glorias formosas da nossa terra. — Deixai que vos eu acompanhe. É muito para mim honra tamanha . . . mas n'este dia unico e solemne recusareis vós ao vosso amigo da infancia a graça extrema que pede? . . . .»

Não pôde continuar.

O infante pareceu profundamente commovido, mas cobrou logo a sua primeira firmeza.

«Não, cavalleiro, — respondeu elle depois de breve pausa — tal não fareis — era um roubo que faria ao Sr. rei e nunca os portuguezes m'o deviam perdoar. . . . Voltai, voltai ao reino e lá conservai sempre a memoria de um amigo d'alma. Sr. D. Duarte de Menezes vinde vós aqui tambem.

D. Duarte aproximou-se soluçando — o infante continuou. «Tomai vós ambos, columns da boa cavallaria portugueza, tomai vós ambos este abraço ultimo . . . communicai-o a todos os meus defensores . . . que a todos os abraço em vós.»

E apertou os guerreiros nos braços.

Um gemido sahiu da multidão como se uma só boca o expellira.

E os dois guerreiros sem atinarem com palavras cravavam os joelhos na terra d'ambos os lados do martyr.

*Exultabunt sancti in gloria!* (8) — disse o bispo, levando ao ceu os olhos chorosos.

Quanto ao infante D. Henrique — immovel e com o rosto occulto nas mãos parecia nem viver.

Era uma dor sem lagrimas!

#### CLASSES LABORIOSAS.

HA PESSOAS que por carecerem viver do trabalho proprio se julgam de peor condição que os outros; tendo alem disso para si que a ociosidade e mandriis-se são puros habitos de prazer. Os individuos que assim pensam facilmente se convencerão de seu erro, em se lhes provando que nada deve ser tão enfadonho como a inacção e preguiça. Pergunte-se a qualquer pessoa sujeita, por desgraça sua, ás delongas do processo, que tédio e aborrecimento lhe não empeçonham os dias da vida nesse tempo gasto em ocio e incertesa. Interroguem-se os que, criados sem sujeição, nunca obtiveram emprego publico ou particular, ácerca do seu infeliz estado, e então se verá quanto é mais ditoso o operario que vive honradamente do seu braço. — A somnolencia, os bocêjos, a ancia por achar distracção, e o quebrantamento de espirito que isto produz indicam um estado, em que ninguem pôde achar paz de espirito, nem solida consolação.

A resposta que muitos dão a este argumento é, que o homem de fortuna independente, vive com

(8) Exultarão os santos na gloria. Psalmo 149.

mais satisfação do que o operario que carece ganhar o pão quotidiano, por meio do trabalho diario. Eis aqui uma illusão formal. O prazer corre velozmente; segue-se-lhe a saciedade, e apoz esta um desgosto de natureza afflictiva e cruel. Os manjares saboreiam por extremo o paladar do faminto; mas apenas este se acha repleto, foi-se o appetite, e já não encontra prazer na mais deliciosa e bem preparada iguaria que se lhe appresente. Ainda mais:—o que é o prazer? Será acaso o conjuncto de incontinencia e sensualidade? Consistirá nos divertimentos theatraes, na magnificencia do vestuario, na riqueza das carruagens, nas lisonjas dos dependentes, e n'outras muitas scenas e actos da vida? Podem acaso gozar-se estas cousas sem damno da saude e accumulção de males e desgostos, que o operario jámais experimenta? Queria alguém beber nectar em taça de veneno? O calice do prazer contem sempre no fundo este ingrediente, e a prudencia pede que o não esgotemos. Os trabalhos do campo são peniveis e afanosos:—o camponez que lavra a terra dura, e que só o consegue empregando parte da força corporea, é ás vezes generosamente recompensado com amplissima colheita dos fructos que semeára. Esta classe respeitavel merece toda a consideração dos governos e dos legisladores. — «Os lavradores [diz Duarte Ribeiro de Macedo, fallando do interesse que deve inspirar esta classe, e do quanto é util na sociedade] (1) cultivam a terra até tirarem della os fructos que podem gastar, e de que podem tirar o necessario para vestirem suas familias, para comprarem instrumentos de lavoura, reservando uma porção para tornar á terra, de modo que vendendo os fructos restituem o dinheiro ás artes pelas roupas e instrumentos de que necessitam.»—O ferreiro, que súarios d'agua, se exercita a força muscular para dar ao ferro diversas modificações, não goza tambem perfeita saude? E acontecerá outro tanto ao afeminado ocioso que passeia em brilhante carruagem languido e debilitado por dolorosos achaques; que não come, nem dorme, causando-lhe ás vezes até nauseas o manjar mais appetitoso e delicado? E será de invejar esta condição? O homem laborioso saborêa a comida, repousa contente sobre pobre enxerga, levanta-se vigoroso e satisfeito, e volta ao trabalho com a consciencia de que é util ao mundo, e capaz de o gozar. A maior satisfação do homem, que tem idéas exactas do bem, consiste em pôr em ordem os seus negocios e em desempenhar quanto melhor possa quaesquer encargos que lhe commettam. Dá mui subida satisfação a cada um o ver o producto do trabalho e fadigas avaliado pelos outros com alguma distincção. Esta idéa contem particulas celestes, por que o creador ao pôr termo á sua obra, olhou para ella e viu que estava boa.

Para o operario tambem ha dias de descanso em que pôde gozar doces prazeres, e todos os deleites que traz consigo a novidade; mas avisamo-lo de que é necessario tento na escolha dos recreios. O homem que diariamente ganha o pão quotidiano tem alma para gozar, semelhante á do individuo que só sente prazer na leitura, estudo, e amena conversação—O que fôr casado, e tiver numerosa familia achará estas maximas não só agradaveis em relação ao que acabámos de expôr, como muito proprias para lhe conduzirem os filhos pelo caminho da felicidade, uma vez que os desvie do espirito de sedicção, e intemperança, como poderiam desvia-los dos animaes ferozes. E semelhantes inclinações o que são ellas são verdadeiras cavernas dos monstros, vicio, pobreza e doença, que envenenam e destroem todos os

prazeres. É do desprezo de taes maximas, e da corrente desta fonte de vicios e loucuras que manam as turvas aguas que afogam os prazeres mais puros. O homem que desejar viver descansadamente hade amar a virtude; e como esta se cifra no procedimento moral quasi sempre annexo á solida illustração do individuo, incumbe-lhe por isso abrir a estrada que outros depois d'elle hão de seguir. Os seus exemplos raramente deixarão de produzir o costumado effeito; porque semelhantes aos corpos em que a luz reflecte, esses exemplos igualmente reflectirão nos espiritos em que fizerem impressão. As observações acerca das vantagens e melhoramentos, que se conseguem pela leitura em momentos d'ocio, adoçam as penas que o trabalho causa, e aligeiram o que as inclinações viciosas transformariam em peso enorme. O espirito escurecido pelas trevas da ignorancia e vicio duplica o sentimento até nos ferros da escravidão.

Ha officios fabrís e mechanicos que se collocam entre os empregos de genero sedentario e inactivo, por poder quem os exercita conservar-se todo o dia tranquillo n'uma casa. Esta circumstancia não torna menos pensionadas e trabalhosas taes occupações; pois os que a ellas se applicam não

..... jantam  
Em toalhas de Flandres, nem estudam  
Em camarins forrados de damasco (2).

No entretanto sempre nas horas vagas podem dar-se a algum estudo, tirando proveito das suas vigílias e lucubrações.—E não é isto preferivel, entre os operarios e mechanicos, a irem para as tabernas, aonde suffocados por nuvens de fumo e ondas de vinho usam os devassos fallar mal do proximo, blasphemar dos objectos mais sagrados, e travar contendas e brigas ás vezes ensanguentadas? Deixai antes que esses homens percorram os campos, admirem as obras da creação, e leam no grande livro da natureza, do qual cada arvore é uma pagina, cada ramo uma sentença, cada folha uma palavra, e cada flôr uma pintura que aformosea e illustra a pagina. Ao estudarem por este livro lembrar-se-hão do seu auctor, e dahi lhes resultará progresso intellectual, achando tambem materia para alguns dias de contemplação. E quem não se prostrará ante o poder do Omnipotente, se uma vez meditar sobre a grandeza das obras de tão poderoso braço? Quem se não extasiará ouvindo os harmoniosos cantos das aladas tribus, em torno das quaes parece escutar-se um côro de universal louvor? Não ha condição na vida que exclua inteiramente o descanso e o receio, o que fizer má escolha de prazeres crimine-se a si proprio se a felicidade lhe voltar as costas. Horas de repouso mal gastas, e passadas em perfeita indolencia, não offerecem prazer algum ao homem; e ainda são mais damnosas as que elle sacrifica á crápula e dissipações—que essas trazem consigo miseria infallivel e descontentamento. Individuos ha que desprezando as familias, dão como causa desse desprezo o não encontrarem nellas o menor prazer, carecendo ir procurar ás sociedades meios de distracção e desenfado dos pesares domesticos.—Miseravel desculpa, na verdade, que torna o facto ainda mais odioso!—Estes homens são muitas vezes os proprios que acendem a discordia entre as familias para acharem pretexto plausivel de recorrerem a semelhantes distracções. O homem dotado de prudencia, e amigo da paz e boa harmonia, não abandona a casa e a familia por motivos de leves desintelligencias, antes procura todos os meios de pôr-lhes termo sem arrui-

(1) Obras medicas, parte 2.<sup>a</sup>, capitulo 4.<sup>o</sup>

(2) Obras de Pedro Antonio Corrêa Gattão, Satyra 1.<sup>a</sup>

do ou confusão, lembrando-se de que o passaro que o seu ninho desampara nunca á volta o acha tão aprazível e hospitaleiro como o deixára. Um conselho sobre o acceio e limpeza porventura util aos individuos da classe operaria e mechanica: os officios que accumulam immundicie na pessoa que os exercita serão perniciosos se essa pessoa não tiver cuidado comsigo, principalmente se manipular drogas e mineraes de qualidade narcotica. — Convem pois, neste caso, que o operario lave as mãos e a cara todas as vezes que comer, não se esquecendo igualmente de limpar bem as unhas dos dedos, devendo praticar o mesmo antes de se metter na cama. E não se diga que este processo dá grande trabalho ao individuo, quando claramente se vê que concorre de um modo directo para a conservação da saude, e gozo dos demais bens que della derivam. Pena é que taes precauções sejam tão geralmente desprezadas pelos operarios e mechanicos; havendo não menos a lamentar que em cidades bem opulentas e populosas ache o povo tamanha difficuldade de poder tomar banhos. Em Portugal, Inglaterra e outros paizes observa-se nas ditas classes summo desprezo do futuro e pouco tacto para a respeito d'elle se prevenirem quando é tempo. Parece que os não assombra a idéa da falta de emprego, nem a da declinação da idade, nem o accommettimento de perigosa doença, nem outros muitos revezes a que está sujeito o homem que vive do seu braço. — Alguns ha que recebendo grande salario dissipam em parte da semana o que haviam ganhado na outra parte, por não quererem sujeitar-se ao trabalho em quanto sentem na algibeira um só vintem. E deste habito os deve a prudencia desviar: d'elle só pôdem resultar males sem conto, sendo um dos maiores o desprazer e violencia com que obrigados da necessidade hão de depois voltar ao usual trabalho.

O luxo e embriaguez tem pervertido a moral dos operarios e mechanicos. É isto tanto mais para lamentar quanto é certo que membros desta classe tão util e laboriosa se aviltam frequentemente a ponto de perderem o direito á dignidade e consideração a que pelo seu trabalho e prestimo teriam jus se conhecessem os seus verdadeiros interesses, e o logar que lhes compete na sociedade.

#### DO LINHO DA NOVA-ZELANDIA.

TRATANDO da preparação da fibra vegetal em o n.º 210 dissémos de passagem que o linho da Nova-Zelandia prosperava em o nosso paiz porque vingaram bem alguns pés que foram plantados; e com effeito bom deve ser o resultado, visto que se dá na França, produzindo sementes, como em Toulon e n'outros sitios onde conseguiram acclimatar esta planta. Entre as que fornecem fibra propria para tecidos é o *phormium tenax* uma das mais importantes, por quanto resultou das experiencias, feitas para se conhecer a força da sua fibra que sendo a da pita, igual á do linho mourisco gallego, representada por  $11\frac{2}{3}$ , a do cânamo por  $16\frac{1}{3}$ , a do *phormium* correspondia a  $23\frac{1}{3}$ . Não só com ella se fabricam cordames e grossos cabos de muita rijeza e duração, mas também todas as manufacturas, que usualmente se fazem das especies de linho vulgar devendo notar-se que, se o fabrico se aperfeiçoar, excederá aquellas porque tem grandissima alvura e um certo assestinado.

Quanto á sua cultura observar-se-ha que demanda terras soltas, leves, e um tanto humidas sem que sejam frias, e exposição meridional: o distincto professor Thouin diz que vegeta nos terrenos mais ruins,

e tem razão; mas para que as folhas, que é donde se extrahê o fio ou filaga adquiram largas dimensões é preciso que a plantação seja feita em terra substancial: sendo possível fazê-la em sitio proprio para se regar quando se queira, crescerá certamente com mais vigor e fornecerá mais copiosa colheita. Em França, antes de em Toulon obterem sementes dos pés ahi plantados, não os podiam multiplicar se não pelos filhamentos, ou pelos pimpolhos da planta; e ainda assim o estão praticando na maior parte dos logares onde intentaram cultiva-la; já porém diligenciam depois de algumas felizes tentativas propaga-la por sementeira, methodo muito mais commodo e economico, e que de certo se realisaria em Portugal, attenta a brandura do nosso clima. Da maneira que ainda usam em França, aproveitam os olhos ou rebentões que nascem sobre as raizes mais grossas, proximo ao fasciculo das folhas, e ás vezes entre estas, e que a principio parecem uns nós, mas pouco a pouco vão tomando a figura de um bulbo pontegudo, e manifestam a origem de duas folhinhas: é tão rapido o seu crescimento que podem ser separados da planta-mãe ao cabo do primeiro anno, isto é, na immediata primavera. Também nesta estação devem ser dispostos em *quincuncio* [quatro em quadrado e um no meio], ou em xadrez, a cinco pés de distancia uns dos outros, ou talvez que seja melhor pô-los mais juntos, por quanto sempre a distancia, que não está definitivamente assignada, dependerá da qualidade do chão, e do desenvolvimento provavel que nelle hade adquirir o *phormium*. Outras particularidades apontam os agronomos de França e Inglaterra, que se tornam desnecessarias obtendo nós que a planta fructifique e se possa propagar de semente como é muito de crer. Recommendam igualmente que o terreno seja previamente bem cavado e adubado com estrumes curtidos; julgamos que nesta ultima circumstancia é preciso attender á natureza do chão que se lhe destina, e á temperatura da região. Permanece na terra, e a cança pouco, por isso dizem ser conveniente dar-lhes dois ou tres amanhos por anno, para conservar desembarçada d'hervas a plantação, e estruma-la todos os outonos, sempre com os estrumes curtidos, porque é sabido que os quentes são nocivos ás plantas liliaceas, e por analogia é de esperar que o sejam também ao *phormium*. Quando succeda percerem alguns pés, podem facilmente substituir-se sem inconveniencia; porque esta especie é vivaz e das visinhas se reproduz pelos rebentões, como dissémos.

Quanto á extracção da filaga é de advertir que não é a casca dos caules a que a fornece, mas sim as fibras longitudinaes que se estendem no parenchyma (1) das folhas. Como a planta lança continuamente as folhas velhas para fóra, á medida que vai brotando as outras interiores, isto é no centro donde sahe o caule, esta maneira de vegetar indica bem como se hão de colher: convirá pois cortar pela base as folhas exteriores duas ou tres vezes por anno, antes que amarellem; o numero das que se hão de tirar pôde variar de duas até seis, ou mais ainda, conforme o estado e vigor de cada pé. Em todo o caso é necessario pô-las a seccar antes de qualquer manipulação, a fim de as haver na mesma sasão quando se quer extrahir a fibra. As tentativas que em París fizeram para este fim provaram que não é facil, como pensavam, separar das folhas a filaga. O pôr as folhas de mólho (2) não deu bons resultados; foi mister re-

(1) *Parenchyma* é o tecido celular, tenro e esponjoso, que nas folhas e talos euche os intervallos entre as mais finas ramificações.

(2) Como se faz ao linho que se põem a curtir em agua.

córrer a outros meios. Seguindo as experiencias de Mr. Faujas assentaram de cortar as folhas em tiras longitudinaes e fervê-las depois em agua: o parenchyma desorganisa-se por esta operação, e basta esfregar as fibras para as desembaraçar delle completamente.

Porem este methodo, aliás muito bom, tem o inconveniente que de ordinario acompanha os que são inventados pelos escriptores agrónomos, isto é ser muito dispendioso. Pelo que, emquanto se não acha outro preferivel, não ha mais remedio que adoptar o que praticam os habitantes da Nova-Zelandia, o qual é o seguinte. — Mergulham-se as folhas n'agua, deixando-as pelo tempo necessario para amollecerem, tendo-as feito em feixinhos, unidas pela base. Quando estão sufficientemente demolhadas, o que se conhece por experiencia, tiram-se os feixes, põem-se em cima de um cêpo, onde os vão malbando até que o parenchyma caia, e as fibras se separem, as quaes depois disto se passam ao cedeiro ou pente de ferro, ficando então proprias para qualquer serviço.

A introdução desta planta deve ser mui util, para substituir o canamo, onde se não póde criar este; e é palpavel que os francezes e inglezes não chegariam a fazer expedições maritimas para a obterem, nem se desvelariam na sua aclimação se lhe não conhecessem grandes vantagens.

#### ROTEIRO DE D. JOÃO DE CASTRO.

(Conclusão.)

VIMOS, tratando da côr do Mar-vermelho a pag. 381 do vol. 3.<sup>o</sup>, o desvelo, saber e conhecimento das sciencias physicas, com que o guerreiro e politico D. João de Castro tratava de investigar os phenomenos da natureza. Neste manuscripto se nos offerece nova prova da sua diligencia; para o que daremos o seguinte extracto.

« *Allura d'agua na barra* [de Diu]. — Nesta barra, de aguas vivas acharemos 16  $\frac{1}{2}$  palmos d'agua sendo preamar, e de baixa-mar 8; porem de aguas mortas, de preamar 15 palmos, e de baixa-mar 9 folgados. E nesta barra nas conjunções da lua levanta a agua mais que nas opposições, e todalas enchentes e vasantes são maiores de noite que de dia.

*A ordem que guardam as marés.* — Em este rio, apontando a lua no horisonte é baixa-mar de todo, e começando a subir para nosso hemispherio, logo a maré começa a encher até a lua se pôr no meridiano da cidade, onde é preamar; mas como quer que a lua desce e caminha para o horisonte, a maré começa a vasar até a lua se pôr no circulo do horisonte, onde é baixa-mar. Esta ordem e concerto é tão pontual que parecem estes dois movimentos serem um mesmo.

A 20 Março conjunção, hora 5.<sup>a</sup> ante meio-dia, minutos 18.

*De umas grandes enchentes que foram com a lua de Março.* — A 21 dias de Março de 1539 cresceu tanto o rio que nos poz a todos muito espanto, correndo a agua com tamanho impeto que nenhuma força de remos a podiam vencer; que parece teve rasão Plinio de dizer no livro 2.<sup>o</sup> cap. 99, que na primavera do equinoccio levantavam as aguas muito. Ora rodeando nesta baixa-mar o baluarte do mar, vi a penedia sobre que está assentado por ficar descarnada com a grande mingunte; a qual é cousa fortissima e para sobre ella se edificar uma grande força.

*Outra maior enchente.* — A 22 de Março de 1539

foram outras maiores aguas neste rio, onde na baixa-mar descubriu toda a restinga que sai do baluarte do mar, e assim a estacada que corre ao longo della; e sondando a barra na baixa-mar achei 6  $\frac{1}{2}$  palmos, e de preamar 18. —

Assim era D. João incansavel. Note-se que com elle ia um doutor Luiz Nunes, que com D. João tambem fazia observações astronomicas; isto é, *amplitudes* e *azimuths* para a variação das agulhas; e latitudes com os astrolabios.

E agora vem a pêlo uma pergunta; quando — em que annos foi D. João de Castro discipulo de Pedro Nunes? Comparem-se suas idades — comparem-se as datas dos serviços de D. João — suas expressões no prologo — sua desculpa dos pilotos e ataque aos mathematicos, — assim como as descompusturas que Pedro Nunes dava nos pilotos; e tal duvida nascerá, que sómente com evidencia positiva se poderá rebater.

MAUS pastores! Ora reparemos bem no que elles fazem. Elles com effeito repartem os thesouros da divina misericordia, que lhes foram confiados; porem estas graças de ordinario são infructuosas, por cahirem sobre corações endurecidos ás influencias celestes pelo seu máu exemplo. Debalde os fieis procuram nelles alguma cousa que edifique e anime a sua fé, porque só descobrem na sua conducta uma pedra de escandalo e um laço de seducção. Se os peccadores chegam a seus pés no sagrado tribunal, sahem dalli tão pouco tocados, como observam o seu parochio confundido do horror dos proprios crimes. Se vão receber o pão dos anjos é com a mesma irreverencia, e com o mesmo mortal fastio de que vêem possuido aquelle que lh'o reparte: a palavra de Deus sahindo de um coração frio e enregelado não acha senão ouvintes incredulos ou indifferentes ás verdades do céu: as parochias de campos fructiferos tornadas balsas espinhosas; porque o pastor não é somente um operario inutil, mas um homem inimigo, que não cessa de semear a funesta sizania dos escandalos. Que mais?... Os povos rudes, que de ordinario não teem outras idéas de religião fóra daquellas, que vêem praticadas pelo seu pastor, não é muito natural que se persuadam que se póde seguir sem perigo o seu exemplo?... — *D. Fr. Cactano Brandão* (\*).

TUDO por meio da doçura evangelica!... Oh meu amigo do coração, cada vez mais me convengo que, tendo sido este meio por onde começou a religião, um bispo não deve applicar outro, especialmente nos principios para a conservar, e ainda para a promover; não sei que benção particular deixou Deus ligada á instrucção feita com doçura e amor; é um combate irresistivel ainda nos corações mais obstinados e cegos dos seus appetites. — *Extrah. d'ma carta do mesmo prelado.*

PERGUNTANDO-SE ao lacedemonio Charilo porque rasão os seus patricios deixavam crescer tanto o cabello, respondeu que por ser um ornato que não custava dinheiro.

No trato da vida humana é mais importante a parcimonia nas palavras que no dinheiro.

(\*) Este veneravel prelado, que dignamente occupou a cadeira archiepiscopal de Fr. Bartholomeu dos Martyres, é um dos varões apostolicos dos nossos tempos, por doutrina e por exemplo.